



entreates

EXPOSIÇÃO MULTISSENSORIAL

Helena Santiago Vigata (org.)



Entreartes: memórias, registros e relatos de uma exposição multissensorial

Helena Santiago Vigata (org.)

1ª edição
Brasília, 2020



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - FAC-UNB

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro – Via L3 Norte, s/n – Asa Norte, Brasília – DF, CEP: 70910-900

Telefone: (61) 3107-6627 | E-mail: fac.livros@gmail.com

DIRETORA

Dione Oliveira Moura

COORDENADORA EDITORIAL

Rafiza Varão

VICE-DIRETOR

Tiago Quiroga Fausto Neto

IDEALIZADORA DO PROJETO

Helena Santiago Vigata

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Geraldês, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva

PARTICIPANTES

Arthur Pontes Costa, Joyce Stefany Pereira Santos, Liam Christopher Moutinho da Silveira, Patrícia Tavares da Mata, Sofia Soares Dias, Victória Albuquerque Silva e Viviane Santos Queiroz

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cícilia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti (UFSC)

PROJETO GRÁFICO

**Arthur Pontes Costa
Sofia Soares Dias**

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng (Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal)

ORGANIZAÇÃO

Helena Santiago Vigata

V672 Vigata, Helena Santiago.

Entreartes : memórias, registros e relatos de uma exposição multissensorial [recurso eletrônico] / Helena Santiago Vigata. – Brasília : Universidade de Brasília, FAC Livros, 2020.

82 p. : il. ; 21 cm.

Inclui bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web:

<https://faclivros.wordpress.com/category/livros/>

ISBN 978-65-86503-23-4 (e-book)

1. Artes. 2. Exposição. 3. Multissensorialidade. I. Título.

CDU 7

**Entreartes: memórias, registros
e relatos de uma exposição
multissensorial**





apresentação

O projeto ***Entreartes: uma exposição multissensorial*** foi uma ação desenvolvida pelo grupo de pesquisa Acesso Livre da Universidade de Brasília, vinculado ao Projeto de Extensão Cultura e Sociedade: Acessibilidade de Peças Audiovisuais, em colaboração com a Casa Thomas Jefferson de Brasília e com o apoio da Embaixada dos Estados Unidos, com a finalidade de promover a participação de artistas, visitantes e equipe mediadora na construção de um espaço democrático e plural de fruição, criação e discussão artística.

Desde 30 de agosto até 27 de setembro de 2019, artistas locais e internacionais com diversidade sensorial puderam expor seus trabalhos e dialogar sobre seus processos artísticos, além de oferecer oficinas para públicos diversos.

Este projeto priorizou a atuação de uma equipe de mediação bem capacitada para realizar visitas personalizadas adaptando-se às preferências e necessidades de cada visitante.

A qualidade de “acessível” é atribuída aos espaços de fruição artística e cultural quando qualquer pessoa, independentemente de suas capacidades funcionais e das tecnologias assistivas empregadas, tem acesso em igualdade de condições às práticas sociais a que se destina o espaço em questão.

Isso implica a coexistência de uma série de fatores, desde a possibilidade de percorrer o espaço e permanecer nele até o uso de recursos e serviços de comunicação alternativa que traduzam os conteúdos que, seja por motivos linguísticos, sensoriais ou cognitivos, estão inacessíveis para certas parcelas do público.

A mediação das visitas foi sempre realizada por duas pessoas funcionalmente diversas: uma ensurdecida e uma cega, uma cega e uma não-cega... A intenção foi que, ao apresentar ao público duas propostas perceptivas para experienciar a obra, as possibilidades de apropriação se multiplicassem com relação às visitas tradicionais, que, geralmente, focam no universo da visão.

Cumpramos salientando a vocação social do projeto que, além de buscar valorizar os artistas com diversidade funcional, tem como objetivo fundamental a atuação em contextos reais de estudantes de graduação que vêm se capacitando na área de acessibilidade cultural.

Na fase de pré-produção da exposição, a equipe realizou oficinas e participou de discussões teórico-práticas sobre o projeto, mediação para grupos com diversidade funcional e produção de vídeos acessíveis. No dia da inauguração tudo estava pronto para receber o público e, durante todo o mês de setembro, foi posta em prática toda uma série de conhecimentos, estratégias e habilidades que demonstraram o sofisticado nível de especialização de nossa jovem equipe.

Recebemos centenas de visitantes: frequentadores regulares da Casa Thomas Jefferson, público externo que se interessou pelo projeto e grupos de associações e centros educacionais inclusivos que agendaram visitas mediadas.

Devido à impossibilidade de nossa equipe estar presente na galeria em tempo integral, enfrentamos alguns problemas operacionais para garantir a manutenção da exposição em aspectos essenciais como limpeza, posta em funcionamento de aparelhos eletrônicos que compunham obras multimídia e cuidados especiais de obras que requeriam, por exemplo, troca de água e de elementos orgânicos. Pedimos desculpas ao público que não encontrou a exposição em seu melhor estado de conservação.

Helena Santiago Vigata
Coordenadora





agradecimentos

O projeto Entreates foi selecionado pelo Edital N° 17/2018 “Áreas Culturais” do Fundo de Apoio à Cultura do Governo do Distrito Federal, com financiamento para pagamento de bolsas estudantis e serviços de acessibilidade, transporte e produção. Mas, na véspera da publicação do resultado final e da assinatura dos contratos, o Secretário de Cultura e Economia Criativa, Adão Cândido, cancelou o Edital por meio de um aviso publicado no Diário Oficial do Distrito Federal, prejudicando os mais de 250 projetos que foram selecionados. Felizmente, após a exoneração do Secretário o edital foi retomado e já estamos trabalhando na segunda edição do Entreates.

Se não fosse pela ajuda da Casa Thomas Jefferson e pelo apoio da Embaixada dos Estados Unidos, este projeto não teria sido concretizado, mesmo com todo o esforço e dedicação da equipe de produção. Gostaríamos de registrar nossos agradecimentos ao produtor sociocultural da Casa Thomas Jefferson, o Sr. Luiz Carlos Costa, pela sua ajuda, compreensão e incentivo constante, a toda a equipe de funcionários da Casa Thomas Jefferson da Asa Sul pelo suporte e excelente convívio, à assessoria de comunicação e à Embaixada dos Estados Unidos nos nomes de Erik Holm-Olsen, Conselheiro para Assuntos de Cultura, Educação e Imprensa, a Sra. Julia McKay, Adida Adjunta para Assuntos de Educação e Cultura, e a Sra. Karla Carneiro H. de Maia, Especialista em Assuntos Culturais, que tornaram possível a vinda de nosso convidado internacional e de suas obras.



Agradecemos aos artistas e a todas as pessoas que trabalharam durante meses para tornar este projeto possível, assim como a todas as instituições que nos visitaram e tão generosamente nos ajudaram a avaliar os resultados do trabalho realizado.

Ao longo da caminhada reforçamos antigas relações e firmamos novas parcerias que esperamos sejam duradouras. Agradecemos o Laboratório de Apoio ao Deficiente Visual (LDV) da Universidade de Brasília, o Laboratório de Áudio (LabAudio) da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, o Visão Hospital de Olhos e a empresa Acesso, desenvolvedora do aplicativo Acesso Acessibilidade. Agradecemos também o CEEDV e a Biblioteca Dorina Nowill pelo importante apoio a nossos projetos.

Por fim, nossos mais sinceros agradecimentos às pessoas que aderiram à campanha de arrecadação criada para nos ajudar a cobrir as despesas de produção. Nossos especiais agradecimentos às pessoas a seguir: Alicia Roncal, Andrea C. B. Judice, Andrés Santiago, Carmen Vigata, Coro Pina, Elena Figuerido, Elisa Santiago, Inés Román, Irene Sánchez, Jorge Bretos, Juana Zubicoa, Maite Santiago, Mar Ramírez, Marcelo O. Judice, Maite Santiago, María Bretos, Marcos Carneiro, Mariana de Lima Medeiros, Marta Santiago, Mercedes López, Nélide Oyaga, Pepa Vigata e Yuri Queiroz Gomes.

créditos

Muitas pessoas colaboraram com o Entreates, como se pode constatar na lista a seguir. Algumas acumularam múltiplas funções e foram essenciais para o andamento do projeto. Merecem menção especial Arthur Pontes Costa e Sofia Soares Dias pela sua dedicação e perseverança.

Equipe

Coordenação geral:

Helena Santiago Vigata (professora da Universidade de Brasília)
Luiz Carlos Costa (produtor sociocultural da Casa Thomas Jefferson)

Curadoria:

Helena Santiago Vigata

Produção geral e de conteúdo:

Arthur Pontes Costa
Sofia Soares Dias

Criação de identidade visual e plano de comunicação:

Arthur Pontes Costa

Registro fotográfico e audiovisual:

Arthur Pontes Costa
Mayerle Amarante Feitosa

Mídias sociais:

Sofia Soares Dias

Eduardo Felten

Saulo Machado

Realização e edição de vídeos:

Helena Santiago Vigata

Arthur Pontes Costa

Victória Albuquerque Silva

Finalização de vídeos:

Arthur Pontes Costa

Sofia Soares Dias

Audiodescrição de vídeos:

Helena Santiago Vigata

Liam Christopher Moutinho da Silveira –
Roteiro

Thales Bortone de Araújo – Roteiro

Arthur Pontes Costa – Edição

Lídia Scarabele – Locução

Viviane Santos Queiroz – Consultoria

Locução do teaser em espanhol:

María del Mar Paramos Cebey

Interpretação simultânea e audiodescrição em inglês:

Sofia Soares Dias

Victória Albuquerque Silva

Mariana Medina

Viviane Santos Queiroz

Legendagem de vídeos:

Helena Santiago Vigata

Voice-Over de vídeo:

Helena Santiago Vigata – Roteiro

Arthur Pontes Costa – Locução e edição

Mediação e objetos mediadores:

Victória Albuquerque Silva

Patrícia Tavares da Mata

Liam Christopher Moutinho da Silveira

Viviane Santos Queiroz

Lídia Scarabele

Mariana Medina

Joyce Stefany Pereira Santos

Mayerle Amarante Feitosa

Janela de Libras:

Patricia Tuxi

Gabriel Lopes de Carvalho
Maria Karoline Alves de Sousa
Sara de Jesus Cardoso Vogado
Rayane Souza de Oliveira

Colaboradores:

Rafael Sales de Sousa – oficina de After Effects

Rodrigo Teodoro - Trilha sonora para vídeos

Thales Bortone de Araújo – oficina de Land Art

Kamila Cristina Rolim da Silva – Site

Ludmila Moreira Pires – Site

Camila de Oliveira Soares – Site

Rebeca Gabriela de Franca Pinheiro – Site

Parceiros:

Laboratório de Áudio da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília

Laboratório de Apoio ao Deficiente Visual (LDV) da Universidade de Brasília
Visão Hospital de Olhos



os artistas



Flávio Luis da Silva

Brasília, DF

Escultor cego. Cria esculturas em argila com técnica de modelagem adaptada e telas táteis. Utiliza um método de modelagem da figura humana baseado na simplicidade das formas geométricas, ou seja, formas elementares tais como o cubo, prisma, esfera, cilindro com bases triangulares, trapezoidais, dentre outros, e pequenas placas ou tiras complementares, agregadas conforme a necessidade de composição da figura projetada mentalmente. Esse fundamento facilita a sistematização da obra e o processo de construção, pois a pessoa cega requer níveis mais altos de abstração e maior trato – cognitivo e tátil – no que se refere à retirada de elementos para formar uma escultura, considerando-se que é mais fácil somar do que subtrair.

Tipo de participação:

Exposição de esculturas e telas táteis.





John Bramblitt

Texas, EUA

Artista plástico cego. Autor do livro *Shouting in the Dark: My Journey Back to the Light* (2012), onde relata sua relação com o território da cegueira e como saiu da depressão quando descobriu a pintura e recuperou a paixão. Aprendeu a distinguir entre as cores pela textura da tinta e aprendeu a pintar utilizando-se da visualização háptica. Foi assim que uma noite começou a criar linhas com tinta de alto relevo, sentindo as formas através do tato. O artista desenvolveu uma técnica em que a música que ouve se transforma nas cores da obra que pinta.

Tipo de participação:

Exposição de suas obras; oficinas de pintura a cegas; *live painting* (pintura ao vivo) acompanhado pelos musicistas Rodrigo Bezerra e Thanise Silva.







Angela Carter
1942-2008
The Art of the Novel
The Art of the Novel
The Art of the Novel



Luciano Ambrósio

Brasília, DF

O fotógrafo Luciano Ambrósio perdeu completamente a visão aos 24 por conta de uma retinose pigmentar. Trabalha no Senado como assessor parlamentar. Em 2016, ele participou de uma oficina de fotografia inclusiva, quando despertou seu interesse pela arte de fotografar. A sensibilidade e a emoção o inspiram no momento de cada registro. Ele só entende fotografia se ela vier acompanhada de poesia.

Tipo de participação:

Exposição de fotografias sinestésicas.



Ó beleza, onde está tua verdade?

(William Shakespeare)

O que é ver? Pra mim é perceber: tocar, ouvir, imaginar, sentir! O que me diz uma voz suave, um sol fraco entre as folhas de uma árvore, o que dizem meus pés ao caminharem pela estrada, o que me diz uma escada que subo? O que podem me mostrar as águas do lago que molham minhas mãos, do que me lembro ao sentir o vento no rosto, o que ouço no pio dos pássaros, nas ruas cheias de carros.

Eu sou o resultado do ruído das cores, do silêncio das palavras que contemplo, da luz que a escuridão me acende, da poesia a me descobrir pelo caminho, sou uma lembrança e um sonho, o adeus e o encontro, a lágrima, o abraço, o riso, a flor, o beijo.

Luciano Ambrósio

Encanto

*Uma música ao fundo
Um cheiro que acompanha
Um encontro
Uma lembrança
Uma voz que vem lá do fundo
Um poema sugerido, um sorriso...
Uma criança que corre
Quanto silêncio!
Trago um pôr do sol aos olhos de todos
Na tarde que escuto em minha pele
Trago ao meu coração a cor que de ti percebo
E percebo o mundo que sentes.*

Luciano Ambrósio





Tudo que vejo é poesia, tudo que sinto, fotografia

Os únicos pedaços de meu corpo pelos quais eu não enxergo são meus olhos, mas todas as impressões captadas pelos meus ouvidos, por minhas mãos, meus pés, minhas narinas ou por cada centímetro de pele são percebidas junto com imagens. A beleza e a sublimidade do mundo está na riqueza das percepções sensoriais: eu vejo onde não vejo e sinto cheiro do calor do sol.

Literalmente eu ouço os espaços e toco o perfume de uma flor.

As imagens que busco registrar nascem da busca do encontro: mente, alma e natureza.

Luciano Ambrósio

Marta Ruffoni Guedes

Brasília, DF

Ceramista com deficiência visual que reside em Brasília. Criadora do Grupo Brasília Tátil (ABDV), cujo objetivo principal é a inclusão e interação das pessoas com deficiência na sociedade. O grupo se concretizou executando os projetos de inclusão nas Escolas Classe e Parque do Ensino Fundamental do DF, onde foram organizadas oficinas de cerâmica e visitas guiadas aos pontos turísticos e do patrimônio histórico. Hoje o ateliê COMTATO é seu principal instrumento de trabalho.

Tipo de participação:

Exposição de obras e oficina de cerâmica.









Maycon Calasancio

Brasília, DF

Maycon Calasancio é surdo, negro e há 9 anos começou a dançar, começando pela dança de salão em 2010. Entrou no curso de Licenciatura em Dança pelo Instituto Federal de Brasília – IFB em 2016, onde se apaixonou pelo ballet e pela dança contemporânea. Além disso, trabalha com a relação entre mediação cultural e Libras, incorporando o uso do classificador como uma forma de linguagem mais acessível aos públicos ouvintes e surdos no Centro Cultural Banco do Brasil de Brasília. Com desenvoltura corporal, integra dança, atuação e o protagonismo surdo às diferentes linguagens artísticas, e já se apresentou no CCBB, no IFB e em outras instâncias culturais do DF.

Tipo de participação:

Mediação e oficina de dança contemporânea com Libras.





Projeto Pés de Teatro-Dança

Brasília, DF

Desde 2011, o Projeto Pés pesquisa a criação, provocação e execução do movimento expressivo para e por pessoas com deficiência através de técnicas do teatro-dança. O Projeto, no entanto, foi idealizado em 2009 pelo diretor, Rafael Tursi, recém-formado Bacharel em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília (UnB) com um trabalho sobre a criação e análise de movimentos cênicos expressivos a partir da Análise Laban do Movimento (LMA). O Projeto PÉS tem, hoje, em seu repertório, mais de cem atividades realizadas, entre apresentações de cenas e espetáculos, aulas, palestras, trabalhos de conclusão de curso e participações em eventos nacionais e internacionais. É, ainda, ganhador dos prêmios de Melhor Trabalho Nacional de Educação Inclusiva e Melhor Trabalho Nacional de Cultura e Lazer para Pessoas com Deficiência, emitidos pelo último Congresso Nacional de Diversidade e Inclusão, em 2012.

Tipo de participação:

Apresentação no encerramento da cena HÁBRAÇOS, coreografia de Mari Lotti, Roges Moraes e Yuri Jorge.



Fotografia de Juliana Boechat/Clarabóia Filmes





Thaíse
Silva

Brasília, DF

Rodrigo
Bezerra

Brasília, DF



Thanise Silva é flautista, arranjadora e compositora brasiliense com 20 anos de carreira. Sua formação se deu na Escola de Música de Brasília – onde hoje dá aulas – e na Universidade de Brasília. Durante sua trajetória, tocou e gravou com diversos músicos e artistas, além de ter escrito arranjos para gravações e shows. Realizou 02 turnês nacionais, nas quais tocou e lecionou em São Paulo, Recife, Curitiba, Rio de Janeiro e 02 turnês internacionais, realizando shows e workshops na Alemanha, Bélgica, França, Suíça e Lichtenstein. Dentre seus projetos atuais, destaca seu duo com Dudu 7 cordas e os grupos “Fernando César e Regional” e “Trio Aretê”, dos quais é solista.



Instrumentista, produtor, compositor e arranjador brasiliense, Rodrigo Bezerra teve seu primeiro contato com a guitarra aos 12 anos de idade. Dos 16 aos 27, se dedicou a sua formação como instrumentista, se graduando em música pela Universidade de Brasília e se tornando o primeiro aluno formado do departamento de guitarra elétrica da Escola de Música de Brasília. Entre 2004 e 2010, Rodrigo Bezerra tocou e produziu a cantora Ellen Oléria. É dele, por exemplo, a produção de “Peça”, disco de estreia da cantora. Em 2008 lançou com o grupo instrumental “Tequatro” um disco homônimo. Em 2013 lançou seu primeiro disco de canções, “Tempo ilusão”. Em 2015, foi a vez de “Três”. No ano seguinte, se aventou em carreira solo, com o trabalho também instrumental “Outros lugares”. No ano de 2016 fez mais dois lançamentos, o DVD “A música de Rodrigo Bezerra” e o álbum instrumental “Naturalmente”, ao lado do baterista Allen Pontes. Em 2018 lançou o sexto disco de sua carreira, “Lugar no Mundo”.

Tipo de participação:

Concerto ao vivo acompanhando o *live painting* (pintura ao vivo) de John Bramblitt.

as instalações
&
a exposição

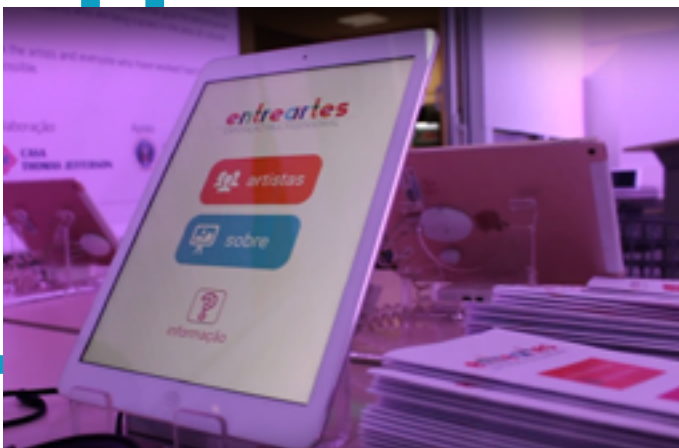
A exposição foi realizada na galeria da Casa Thomas Jefferson da Asa Sul, localizada na Via W5 Sul, SEPS 706/906 da Asa Sul, no Plano Piloto da cidade de Brasília, Distrito Federal.



Espaço interno da galeria



A galeria dispõe de mesas fixas com tablets, o que nos permitiu a utilização de recursos audiovisuais para complementação da exposição. Além disso, a presença de mobiliário como cadeiras, mesas, sofás e similares na galeria e em sua área externa, bem como a iluminação natural e boa ventilação do ambiente, propõem uma experiência mais descontraída que incentiva a permanência do público no local.







As oficinas foram realizadas nos espaços interno e adjacente à galeria, de maneira a manter um contato constante com as obras.



Espaço externo da galeria



textos
da equipe

Entreartes: uma exposição multissensorial

Em um seminário apresentado em 1969, Marshall McLuhan, Harley Parker e Jacques Barzun apresentaram o museu como um meio de comunicação que proporciona acesso à percepção sensorial e intuitiva de todas as coisas: enquanto o museu tradicional era uma derivação do texto impresso, com suas características lineares e visuais, o museu do futuro teria potencial para se tornar um meio multissensorial e provocador da participação de seu público, permitindo o envolvimento de todos os sentidos.

Esse foi o objetivo do projeto Entreartes: explorar o potencial do espaço expositivo para promover o envolvimento total do corpo numa experiência holística. Partindo da ideia de que o olhar retiniano é só uma possibilidade entre outras que, longe de competir, se somam a ele ampliando as possibilidades perceptivas, foram exibidas obras que de alguma forma desafiam a separação entre linguagens e entre modos de existência.

Nosso propósito foi criar um espaço de encontro entre artistas locais, brasileiros e internacionais com diversidade funcional que trabalham com linguagens diversas e que, ao ensinar em oficinas inclusivas as técnicas que utilizam para criar, pudessem incentivar outras pessoas a enveredar pelo caminho da arte e descobrir seu potencial criador independentemente de suas capacidades sensoriais.

O projeto seguiu os princípios da museologia social e teve como premissa questionar os limites entre as linguagens artísticas, estando a diversidade e a acessibilidade para todas as pessoas no centro de todo o processo.

O fio condutor da exposição esteve voltado para a desconstrução do pressuposto de que existem fronteiras estáticas entre as linguagens artísticas, pressuposto esse que tem perpetuado a crença de que o universo das artes visuais é vedado à possibilidade da experiência das pessoas com deficiência visual ou de que as pessoas surdas não são capazes de fruir nem produzir arte musical ou sonora. Foram convidados a expor suas obras artistas com diversidade funcional que trabalham com fotografia, escultura e artes plásticas, com intervenções de dança e música.

Helena Santiago Vigata

Curadora


A ARTE FORA DO MERCADO ARTÍSTICO

À margem dos movimentos artísticos conhecidos, há um gênero que por muito tempo foi quase secreto: a Arte Outsider. Vindo de fora do mundo da arte, de artistas sem formação artística ou alheios ao metiê, mas que sujavam suas mãos de tinta e produziam para si próprios, sem intenção de verem suas obras em um museu, este gênero artístico pode ser resumido como, simplesmente, “qualquer coisa um pouco fora do comum”.

Entre as coisas fora do comum que a Arte Outsider pode trazer está, por exemplo, a Arte Bruta: aquela livre de influências, criada por pessoas que não tentam reproduzir técnicas oficiais ou clássicas; apenas se expressar, de algum modo. Um modo puro. Bruto. Podia vir de pacientes de hospitais psiquiátricos, idosos em asilos, médiuns, pessoas com diversidade funcional, entre outros. Uma arte que por vezes carrega o rótulo de arte ingênua – pela despreocupação dos artistas, que se assemelha à das crianças, que desenham livremente sem se preocupar demais com o processo.

Assim como as suas artes, os artistas outsiders muitas vezes também são pessoas à margem, e suas particularidades fazem suas obras pertencerem por vezes a nichos específicos dentro de Arte Outsider.

Por exemplo, como num jogo de bonecas russas, há a Arte Outsider, que engloba a Arte Bruta, que pode ou não englobar outra peça conhecida como Disability in the Art, a arte feita especificamente por pessoas com alguma deficiência. A Disability in the Art é aquela criada por artistas cegos. Surdos. Que possuem dificuldade de locomoção.




A arte criada por essas pessoas com deficiência pode ou não tratar da temática da deficiência em si. Quando isso acontece – quando temos a deficiência representada na obra –, temos o encontro da Disability in the Art com a Disability Art.

A Disability Art não é necessariamente criada por artistas com deficiência, mas sempre expressa essa deficiência. Um fotógrafo sem deficiência que retrate sempre figuras de atletas paralímpicos, por exemplo, tem suas produções enquadradas na Disability Art, embora não faça parte da categoria Disability in the Art.

Todas essas classificações, como bonecas menores, se encaixam dentro da mesma matriosca: a Arte Outsider.

Já perdendo sua invisibilidade, este gênero artístico começou a ter seus próprios museus e revistas, que podem mostrar bonecos esculpidos em palitos de dente por uma pessoa surda ao lado de chicletes mascarados pintados com imagens coloridas por alguém sem deficiência, junto com uma imagem abstrata e colorida que lembra uma rosa dos ventos pintada por um paciente de um hospital psiquiátrico de anos atrás.

O que essas obras têm em comum, além de virem das margens? São criadas por pessoas imaginativas, apaixonadas, com um impulso criativo que é externado sem imposições.



Qualquer um de nós poderia se tornar Artista Outsider, então? Sim. Muitos provavelmente, já fomos, inclusive, visto que, como bem diz John Maizels: “Todas as crianças são artistas. Criar arte é algo importantíssimo e natural para todas as pessoas”. Qual é seu diferencial, então? “Algumas pessoas simplesmente não deixam isso para trás, como a maioria de nós faz.”

Victória Albuquerque Silva

Mediadora

Referências/ Sugestões de Leitura:

BARAJAS, Ana Karen. Art Brut: personas que hacen arte sin saberlo. **Vice**, Espanha, 2018. Disponível em: https://www.vice.com/es_latam/article/8xdn35/creators-art-brut-personas-que-hacen-arte-sin-saberlo. Acesso em: 20 ago. 2019.

BRADVICA, Natalie. Focus on Ability: The Importance of Outsider Art Institutions in Australia. **Curating the Contemporary**, Austrália, 2018. Disponível em: <https://curatingthecontemporary.org/2018/04/02/focus-on-ability-the-importance-of-outsider-art-institutions-in-australia/>. Acesso em: 20 ago. 2019.

STEENE, Marc. Outsider Art: beyond the label. **Disability Arts International**, Inglaterra, 2018. Disponível em: <http://www.disabilityartsinternational.org/blogs/2018/outsider-art-beyond-the-label/>. Acesso em: 20 ago. 2019.

TERTO, Amauri. A revista de arte outsider que enxerga todos como artistas. **Huffpost**, Brasil, 2016. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2016/02/03/a-revista-de-arte-outsider-que-enxerga-todos-como-artistas_a_21695876/. Acesso em: 20 ago. 2019.

MUSEUS PARA TODOS: ACESSIBILIDADE

O museu deve ser um agente de inclusão social e democratização do conhecimento. A maioria dos museus supre as necessidades físico-motoras das pessoas, mas apenas uma pequena parcela está preparada para receber visitantes com necessidades sensoriais e psicossociais. O aumento da demanda por acessibilidade integral se deve à pressão dos movimentos sociais, uma vez que os espaços museais, públicos e privados, mesmo aqueles que prezam pela inclusão, nem sempre a praticam.

Considerando a comunicação como uma de suas finalidades, torna-se objetivo dos espaços culturais levar conhecimento para a população de forma prática e acessível, além de estimular o pensamento crítico.

Uma exposição é muito mais do que a obra. Sendo assim, durante o processo de adaptação de uma exposição, a prioridade é transmitir o seu sentido e valor. Não apenas traduzi-la, mas fazê-la sentir. Cada visitante possui necessidades e preferências específicas que podem vir a ser supridas a fim de proporcionar uma experiência artística mais satisfatória. Portanto, é necessário conhecer as necessidades do público receptor para, então, pensar em estratégias.

Algumas formas de incluir são: conteúdos multimídia (linguagem adaptada à faixa etária, língua nativa ou necessidade específica), geolocalização, experiência aumentada, dispositivo de audição assistida, sinalização em braille, interação e adaptação ao usuário visitante (p. e.: visitas guiadas em libras ou para pessoas com TEA).

Nesse meio, o conceito de Tradução e Interpretação Acessível vem sendo cada vez mais discutido e se tornou um mercado de trabalho em ascensão. O profissional que atua nesta área deve estar capacitado para realizar: Audiodescrição, Interpretação em Língua de Sinais, Legendagem e Adaptação Textual (ao conhecimento prévio, capacidade cognitiva, interesse etc.). No entanto, os poucos museus capacitados para receber este público diverso costumam ser vinculados a instituições muitas vezes geograficamente inacessíveis, reforçando a ideia de uma arte para uma minoria privilegiada.

A ideia de inclusão artística consiste em incentivar e promover movimentos culturais que possibilitem a integração entre cidade, público e acessibilidade. Não apenas adaptando, mas também buscando alternativas de baixo custo para criar experiências sensoriais diversas.

Pequenas oficinas de experiência olfativa, tátil ou sonoplásticas são bons exemplos de que é viável fazer algo interessante com pouco. Em um nível maior, é possível pensar na criação de exposições interativas previamente pensadas para provocar sensações no coletivo, criando, assim, união e democratização do espaço artístico, que passa a não ser mais excludente, uma vez que procura agir ativamente para a sua comunidade e abranger todos os públicos em seu meio.

Iniciativas como o projeto Entreates são exemplares, convidando artistas diversos para falar sobre seus projetos e mostrar seus trabalhos, promovendo oficinas inclusivas e adaptando todo o processo do início ao fim, sempre visando que a experiência de todas as pessoas seja a melhor possível.

Joyce Stefâny

Criação de objetos mediadores

Referências/ Sugestões de Leitura:

JIMÉNEZ HURTADO, Catalina; SEIBEL, Claudia; SOLER GALLEGO, Silvia. **Museos Para Todos. La Traducción E Interpretación Para Entornos Multimodales Como Herramienta De Accesibilidad Universal.** MonTI. Monografías de Traducción e Interpretación, Universitat de València Alicante, España, p. 1-36, 15 nov. 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=265125413015>. Acesso em: 20 maio 2019.

COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane e BRASILEIRO, Alice. **Acessibilidade a Museus** / Regina Cohen, Cristiane Duarte e Alice Brasileiro - Ministério da Cultura / Instituto Brasileiro de Museus. – Brasília, DF: MinC/Ibram, 2012. 190 p. ; 18x24 cm (Cadernos Museológicos Vol.2).

COMUNICAÇÃO, ARTE E ACESSIBILIDADE

Na contemporaneidade, a mentalidade do que é entendido como arte se transformou e os espaços expositivos, o público e as formas de comunicar arte também. Até a Segunda Guerra Mundial a arte e, conseqüentemente, as galerias, exposições e museus, eram restritos à mais alta sociedade, excludentes do grande público e de qualquer forma de diversidade sensorial e funcional. Porém, no pós-guerra, tudo isso se transformou. O Conselho Internacional de Museus (ICOM) da Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas (UNESCO) foi o marco inicial para que os espaços culturais e a arte de forma geral fossem abertos e transformados no que conhecemos hoje.

A atual proposta de definição encontrada na página web do ICOM vai ao encontro direto do projeto da exposição Entreates. Em sua segunda parte diz que: “[museus] são participativos e transparentes, e trabalham em colaboração ativa com e para várias comunidades, a fim de coletar, preservar, investigar, interpretar, expor e expandir os entendimentos do mundo, com o propósito de contribuir para a dignidade humana e justiça social, para igualdade mundial e bem-estar planetário”¹.

Estudiosos da Ciência da Informação, onde a Museologia se inclui, entendem que a arte e o ambiente no qual ela se encontra devem ser propícios para que a obra ou intervenção artística comunique com seu público. O ambiente expositivo tem por vocação compartilhar com o maior número de pessoas as riquezas que o ambiente possui, sem se esquecer das necessidades de todos os públicos, e a comunicação se tornou o centro da cultura museal.

¹ <http://www.iber museos.org/pt/recursos/noticias/icom-anuncia-a-definicao-alternativa-de-museu-que-sera-submetida-a-votacao>

Especialmente, porque a comunicação redimensionou o aspecto educacional e das práticas sociais, pois acompanha as redefinições de tempo e espaço operados pela contemporaneidade, principalmente pelo desenvolvimento tecnológico, propiciando o complemento ou total acesso às mensagens contidas no espaço museal.

Entendemos, como equipe realizadora e mediadora desta exposição, que o percurso expográfico proposto pela coleção de obras, dos mais diversos campos artísticos e pela variada gama de artistas, deve ter uma mensagem clara e elaborada por uma narrativa coesa para abordar a exposição como um todo, ao invés de um conjunto desconexo de objetos e obras. Dentro dela, os processos de significação devem ser um diálogo de vias múltiplas entre artista, visitante, curadoria, equipe mediadora e contexto social.

Entendemos que trabalhar com artistas sensorialmente diversos no intuito de que se comuniquem com a comunidade através de suas obras é um desafio às práticas museais vistas no cotidiano.

Na exposição multissensorial Entreates, planejamos uma comunicação acessível para todas as pessoas que levasse em conta tanto a sensorialidade das obras como as etiquetas que as acompanham, a montagem das obras, os processos mediadores e todas as formas de divulgação do projeto.

Desde a concepção inicial, levamos em conta que, mesmo os artistas com os quais estamos trabalhando e o grande público que queremos atingir sendo sensorialmente diversos, todos devem ter as mesmas oportunidades de criar e de ter uma experiência artística.

Com a ajuda de consultores e de uma equipe comprometida com a acessibilidade aos meios comunicacionais para que a mensagem artística e complementar tivesse o mesmo alcance, trabalhamos durante meses para que: todos os vídeos sobre os artistas tivessem audiodescrição e janela de Libras; públicos de diversas idades pudessem usufruir de versões diferentes de audiodescrição; as visitas mediadas sempre fossem feitas por dois mediadores com universos perceptivos diferentes; o aplicativo desenvolvido para exibir o material complementar sobre a exposição e os artistas fosse acessível; todos os textos estivessem escritos numa linguagem fácil tanto em português como em inglês e Libras; este catálogo fosse criado de acordo com as diretrizes de acessibilidade.

Dessa forma, demonstramos que é possível tensionar e transformar as formas convencionais de se comunicar a arte para que chegasse a todos.

Arthur Pontes Costa

Produtor / Comunicador / Design

Referências/ Sugestões de Leitura:

CURY, M. X. Comunicação e Pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. **História, Ciência, Saúde**, Manguinhos, 12, 2005. 365-380.

CONTENOT, F. La Médiation au service de la confluence du musée et de la bibliothèque. **Bulletin des bibliothèques de France (BBF)**, 2011. 11-15.

VALENTE, M. E.; CASELLI, S., ALVES F. **Museus, ciência e educação**: novos desafios. Rio de Janeiro: História, Ciência e Saúde, 12, 2005.

TECNOLOGIA PARA EXPOSIÇÕES ACESSÍVEIS

O termo Sociedade da Informação surge para conceituar a sociedade contemporânea devido a um aumento do fluxo e da velocidade da troca de informações. Esse crescimento da comunicação é atribuído às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), cujos recursos proporcionam a rápida difusão de novos conhecimentos. E, além do espaço já conquistado pelas TICs no cotidiano da população, há um potencial de utilização dessas tecnologias em museus e exposições a fim de tornar esses eventos acessíveis a todas as pessoas. Isto é, usar as TICs como recursos que auxiliam na inclusão e autonomia de pessoas com diversidade funcional e idosas, podendo assim ser chamados de Tecnologia Assistiva (TA).

A implementação desses tipos de recursos acessíveis em exposições beneficia tanto o visitante, o qual consegue disfrutar da experiência artística de forma mais completa, quanto o organizador, que atrai um maior público, pois abrange comunidades que, sem esses recursos de acessibilidade disponíveis, não frequentariam o museu. Ademais, o direito à informação e comunicação acessíveis está previsto na Lei brasileira nº 10.098 do ano 2000, na qual se estabelecem normas de promoção de acessibilidade.

Quando falamos sobre TICs, computadores e dispositivos móveis são os mais conhecidos; contudo, há uma grande variedade desses recursos, físicos e não-físicos, e muitos deles podem ser usados na área de acessibilidade como uma TA.

Para a área computacional, a TA pode estar presente como recursos de *software* (programas de informática), recursos de hardware (componentes físicos dos dispositivos informáticos) e adaptações físicas para auxiliar na utilização de *software* e *hardware*. Neste texto, citaremos alguns dos recursos de *software* e *hardware* que podem ser utilizados em museus e exposições.

Os programas presentes em dispositivos eletrônicos, também conhecidos como *software*, podem ajudar visitantes em exposições, guiando-os e fornecendo informações sobre as exposições, os artistas, o local e a história do museu. Por exemplo, sites e aplicativos que apresentam conteúdo multimodal, ou seja, um mesmo conteúdo apresentado em diversos formatos, como vídeo, texto, áudio e imagem, são essenciais para que o usuário possa escolher obter aquelas informações do modo que mais lhe agrade.

É importante que o conteúdo desses sites e aplicativos esteja em uma linguagem clara e que contenha recursos acessíveis, como legendagem, audiodescrição, janela de interpretação na língua de sinais e suporte para várias línguas.

Outros *softwares* que podem ser utilizados em museus e são essenciais para uma maior acessibilidade são os leitores de tela, opção de lupa e alto contraste para pessoas cegas ou com baixa-visão. Além disso, há várias recomendações de organização de conteúdo, interface e multimídia para acessibilidade web disponíveis atualmente, como os documentos eMAG e WCAG, sendo um brasileiro e o outro internacional, respectivamente. Essas diretrizes foram compiladas para desenvolvedores de sites com o intuito de contribuir e difundir o conceito de acessibilidade para o mundo digital.

A implementação de recursos tecnológicos acessíveis em exposições e museus possibilita a democratização e a difusão da arte para toda a população.

A inclusão de pessoas com diversidade funcional é um direito assegurado em lei e deve ser planejado durante todas as etapas de curadoria, organização e avaliação de uma exposição. Somente no momento em que todas as pessoas consigam se comunicar e explorar o vasto conteúdo digital sem obstáculos é quando teremos alcançado o potencial da Sociedade da Informação.

Sofia Soares Dias

Produtora / Design / Desenvolvimento

Referências/ Sugestões de Leitura:

eMAG. **Recomendações de Acessibilidade para a Construção e Adaptação de Conteúdos do Governo Brasileiro na Internet.** e-MAG, Acessibilidade de Governo Eletrônico. Modelo de Acessibilidade. Departamento de Governo Eletrônico, Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Doc. de Ref., versão 3.1, 2014.

GALVÃO FILHO, T. A. Abordagem multidimensional: acessibilidade tecnológica. In: DÍAZ, F. et al. (orgs.). **Educação inclusiva, deficiência e contexto social:** questões contemporâneas [online]. Salvador: EDUFBA, p. 191-202, 2009.

ALVES, Soraya F.; NAVES, Sylvia B.; ARAÚJO, Vera L. S.; MAUCH, Carla. (Orgs.). **Guia para produções audiovisuais acessíveis.** MiNC/SAv: Brasília, 2016.

RUIZ, B. et al. **Guías multimedia accesibles:** el museo para todos. Madrid, 2008.

O USO DA SINESTESIA NAS ARTES

“É pelos sentidos que os homens se comunicam entre si”

– Julio Plaza –

Sentir o gosto de uma cor, distinguir a forma de uma voz, ouvir uma textura suave; essas podem ser sensações comuns para um sinesteta. Por exemplo, um estímulo na audição que desencadeia involuntariamente uma sensação/experiência visual ou a grafia de uma letra que induz a percepção de uma cor. A capacidade estilística de inter-relacionar modalidades sensoriais faz da sinestesia um recurso de estreita tessitura com o universo literário e artístico. A combinação de sensações pode ser também facilmente observada no uso de figuras retóricas e de analogias sensoriais na linguagem. Quando queremos explicar a sensação que algo nos evoca, frequentemente utilizamos a combinação de sentidos na descrição: vozes aveludadas ou frias, pessoas amargas ou doces, sabores suaves ou ásperos, cores frias ou quentes.

Há exemplos de artistas que mesclam diferentes perspectivas sensoriais e desenvolvem experiências a partir das possibilidades dos cruzamentos dos sentidos. Na literatura, por exemplo, temos o escritor russo Vladimir Nabokov, que era um sinesteta do tipo grafema-cor. No livro *A pessoa em questão* (1994), o autor relata que, quando criança, via cada uma das letras do alfabeto em uma cor distinta e que, ao ganhar uma caixa de letras coloridas, percebeu que quase todas eram da cor “errada”.

Vincent Van Gogh era cromesteta, ou seja, associava as diferentes notas a cores específicas, assim como Wassily Kandinsky, que também relacionava cores e sons em suas pinturas com a intenção de que suas criações tivessem a capacidade de evocar os sons que ele via. Ele vislumbrava o chamado “trabalho artístico total”, cujo objetivo é despertar o maior número de sentidos possíveis ao se olhar uma obra, pois, assim, haveria maior probabilidade de chegar à espiritualidade profunda.

John Bramblitt, cujas pinturas integraram a exposição Entreates, é um artista sinestésico. Quando criança já via cores enquanto escutava música, relação que se intensificou após perder a visão, passando a música a ser a impulsora de suas composições cromáticas.

Tivemos o privilégio de acompanhar seu processo criativo na sessão de *live painting* realizada na abertura da exposição e durante sua estadia na quente e ensolarada Brasília, que teve como resultado pinturas de cores intensas e brilhantes.

O fotógrafo e poeta brasileiro Luciano Ambrósio, outro dos participantes do Entreates, também utiliza a sinestesia em suas criações artísticas. O fotógrafo nos conta que cria a partir do mundo que sente. Ele mantém viva sua memória visual e, para o processo criativo de suas fotografias, inspira-se pelo ambiente e as informações circundantes. Luciano perdeu a visão, mas relaciona-se com o mundo visual atualizando-o com seus sentidos e memórias. É através dos sentidos que ele percebe a amplitude, o calor e as luzes do ambiente, percebe se está perto de uma árvore ou de sua sombra, percebe o ambiente pelos ruídos que chegam até ele.

No Entreates, acreditamos na integração da sinestesia e sua potencialidade de hibridização para a valorização de distintas qualidades de uma obra, de maneira a propiciar experiências artísticas capazes de estimular diferentes sentidos. Foi por isso que convidamos Luciano Ambrósio a incorporar a sinestesia a suas fotografias. Após meses de pesquisa e reflexão sobre o processo criativo, o resultado foi uma série de fotografias sinestésicas que puderam ser sentidas pelos visitantes da exposição com o envolvimento do corpo.

Patrícia Tavares da Mata

Pesquisadora / Criadora de objetos mediadores

Referências / Sugestões de Leitura:

BELTRÁN, Rafael. **Ambientación musical**. Centro de Formación RTVE, Madrid, 1991.

CODEVILLA, Fernando. **A Analogia como procedimento sonoro-visual na Arte**. In: XXV ANPAP, 2016, Porto Alegre. 25º Encontro Nacional da ANPAP, 2016.

PLAZA, Julio. **A tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

SANTIAGO VIGATA, Helena. A experiência artística das pessoas com deficiência visual: o uso de analogias sensoriais na acessibilidade a obras de arte. In: MAYER, F.; PINTO, J. (Orgs.). **Perspectivas contemporâneas em audiodescrição**. Curitiba: CRV, 2017, p. 57-82.

AUDIODESCRIÇÃO E MEDIAÇÃO EM EXPOSIÇÕES

Museus e centros culturais ao longo dos séculos buscaram aproximar seu público do contexto artístico e museológico. Para isso, passaram a oferecer algo mais do que uma exposição onde você faz sua própria exploração das obras com o apoio dos textos da curadoria. Dentro desse propósito, uma das modalidades oferecidas que trouxessem uma experiência diferenciada aos visitantes foi a Mediação. Com objetivos mais educacionais e inclusivos, a Mediação oferece uma visita que, além de trazer informações sobre a exposição, busca facilitar a construção de um olhar crítico por parte público; olhares de reflexão que permeiam as temáticas da exposição, mas também suas contextualizações sociais e culturais.

No Entreates, a mediação é uma ferramenta importante para a construção de um espaço democrático e plural tornando acessível ao público a criação e discussão artística. A ela se integra a acessibilidade audiovisual para atender às diversidades funcionais de pessoas que muitas vezes não encontram espaços democráticos que se atentem para suas particularidades. A seguir, abordaremos especificamente um dos recursos de acessibilidade oferecidos para a exposição: a audiodescrição das informações visuais.

Você já parou para pensar em como uma pessoa que não enxerga pode apreciar uma obra de arte, como quadros ou fotografias? Pois bem, obras que normalmente só podem ser admiradas com o olhar também podem ser apreciadas por pessoas com cegueira, baixa visão ou outras diversidades.

Mesmo quando uma exposição é interativa, com a possibilidade de se utilizar o toque das mãos ou outras formas de envolvimento corporal, a audiodescrição é uma ferramenta importante para trazer a quem não enxerga uma experiência mais completa da obra.

Com base em estudos e com o auxílio de um consultor com deficiência visual, a audiodescrição procura traduzir de forma clara e evocadora as imagens ou informações relativas à procedência dos sons em palavras, de forma que uma pessoa que não enxerga tenha também uma experiência semelhante à que experimenta outra pessoa ao observar, por exemplo, uma paisagem, uma foto, uma peça de teatro ou uma obra de arte.

Apesar de ainda não ser comum em ambientes como exposições de arte, precisamos lembrar que as leis de nosso país garantem o direito de todas as pessoas a ter o acesso à cultura. Sendo assim, na exposição multissensorial Entreates fazemos uso deste recurso ao trazer, juntamente com as visitas mediadas, a audiodescrição das obras que a compõem.

Mas, na prática, como é uma audiodescrição? Ela é feita por um audiodescritor que descreve as imagens utilizando técnicas apropriadas. Em nossa exposição, fizemos uso da audiodescrição gravada e também ao vivo junto à mediação. No processo de criação do roteiro de audiodescrição, é imprescindível que a construção seja em conjunto com a consultoria de uma pessoa cega ou com baixa visão e que no fim seja revisado por ela. A equipe do projeto Entreates conta com uma consultora, Viviane Santos, garantindo que respeitamos a consigna das pessoas com deficiência: “Nada sobre nós, sem nós”.

Desta maneira, no Entreates, enquanto a audiodescrição propiciou uma aproximação do público cego aos elementos visuais, a mediação fez o papel de estimular a reflexão crítica sobre esses elementos e o nosso cotidiano.

Liam Cristopher Moutinho da Silveira

Mediador

Viviane Santos Queiroz

Consultora / Mediadora

Referências/ Sugestões de Leitura:

MORSCH, Carmen. Numa encruzilhada de quatro discursos. Mediação e educação na documenta 12: entre Afirmação, Reprodução, Desconstrução e Transformação. **Fórum Permanente**, n. 6, fev. 2016.

ALVES, Soraya F.; TELES, Verlyanne C. Audiodescrição simultânea: propostas metodológicas e práticas. **Trabalhos Em Linguística Aplicada**, 56(2), p. 417-441, 2017.

ALVES, Soraya F.; ARAÚJO, Vera L. S. Formação do audiodescritor: a estética cinematográfica como base para o aprendizado da estética da audiodescrição - materiais, métodos e produtos. **Cadernos de Tradução**, v. 36, p. 34-59, 2016.

ALVES, Soraya F.; NAVES, Sylvania B.; ARAÚJO, Vera L. S.; MAUCH, Carla. (Orgs.). **Guia para produções audiovisuais acessíveis**. MiNC/SAv: Brasília, 2016.



registros
e
relatos

Abertura

A cerimônia de abertura da exposição ocorreu na noite do 30 de agosto de 2019. Após os discursos que deram início à cerimônia, o público presente pôde desfrutar do concerto ao vivo dos musicistas brasileiros Rodrigo Bezerra e Thanise Silva, que prepararam um repertório de flauta e guitarra para acompanhar o *live painting* do artista plástico e muralista John Bramblitt. O evento teve interpretação simultânea (inglês-português e Libras) e audiodescrição.





Oficinas

Foram ministradas pelos artistas participantes várias oficinas inclusivas no espaço da galeria e áreas adjacentes. Nosso objetivo era que, ao mostrar as técnicas que utilizam para criar, os artistas incentivassem outras pessoas a enveredar pelo caminho da arte e descobrir seu potencial criador independentemente de suas capacidades sensoriais.

John Bramblitt ministrou duas oficinas de pintura com texturas para pessoas cegas ou com olhos vendados. A primeira foi uma visita fechada para um grupo de estudantes de inglês do CIL Asa Norte e a segunda foi aberta para o público geral.

Foi interessante observar como a prática da pintura às cegas se tornou um processo didático. Cada participante recebia uma tela em branco com um desenho em relevo preparado pelo artista e um prato com quatro cores (branco, amarelo, azul e vermelho), as quais poderia misturar à vontade para criar novas cores.





Algumas pessoas preferiram manter as cores primárias e preencher cuidadosamente com o pincel os espaços delimitados pelas linhas do desenho. Já outras optaram por um estilo mais livre, pintando com os dedos e buscando cores compostas. De maneira a facilitar o reconhecimento das cores pela textura, foram adicionados diferentes elementos a cada tinta: alpiste, farinha, areia.

Ambas as oficinas tiveram interpretação simultânea de inglês para português e audiodescrição.

A ceramista Marta Guedes ofertou uma oficina de criação de pratos de cerâmica, e ainda houve uma aula de dança contemporânea com incorporação da língua brasileira de sinais, ministrada pelo bailarino Maycon Calasancio.

Visitas mediadas

Foi prevista pelo projeto a realização de visitas mediadas personalizadas para grupos fechados, previamente convidados através de associações de pessoas com diversidade sensorial. Mas, a fim de permitir que visitantes independentes pudessem agendar suas visitas de maneira espontânea, foi aberto um canal de comunicação para receber solicitações de agendamento.

Graças à ampla divulgação do evento por parte da assessoria de comunicação da Casa Thomas Jefferson, recebemos uma alta demanda de escolas e centros educacionais que trabalham com pessoas de diversas faixas etárias, capacidades funcionais e perfis socioeducativos.

Durante todo o mês de setembro, realizaram visitas mediadas: um grupo de adultos com cegueira e baixa visão da Biblioteca Dorina Nowill, um grupo de crianças e outro de adultos e idosos do Centro de Ensino Especial de Deficientes Visuais (CEEDV), um grupo de jovens e adultos da Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos (APADA), um grupo de crianças e adolescentes do Centro Olímpico e Paralímpico do Gama, um grupo de adultos do Instituto Federal de Brasília (turma do PROEJA) e duas turmas de crianças da Escola Céu de Brasília.

Foi uma experiência muito enriquecedora para a equipe, que teve que estudar previamente a cada visita o perfil dos visitantes e suas preferências e necessidades. Houve pessoas com diferentes graus e tipos de cegueira, surdez, autismo, síndrome de Down, deficiência física, intelectual e múltipla.



Como parte da mediação, em todas as visitas foram propostas atividades criativas pós-visitação, de maneira a promover o contato das pessoas com as linguagens artísticas: umas pessoas pintaram, outras fizeram esculturas de barro, outras fizeram fotografias e vídeos, algumas aprenderam a fazer origamis... Uma seleção das produções resultantes ficou exposta no espaço da galeria.



Encerramento

No dia 27 de setembro, às 20h30, tivemos o evento de encerramento da exposição Entreates, que contou com a apresentação de dança do grupo Pés de Teatro-dança. A cena apresentada intitula-se “HÁBRAÇOS”, uma coreografia de Yuri Jorge, Mari Lotti e Roges Moraes apresentada pelos dois últimos. Nesta noite, seguindo os objetivos de acessibilidade presentes em toda a exposição, oferecemos o recurso de audiodescrição.

O processo de elaboração da audiodescrição iniciou-se com a criação do roteiro pelo audiodescritor Christopher Silveira, o qual recebeu um vídeo da cena com antecedência e teve a oportunidade de participar de um ensaio do grupo para observar os detalhes da construção cênica. A primeira versão do roteiro passou pela revisão da audiodescritora Patrícia Tavares e, por fim, pela revisão da consultora Viviane Santos. Na noite de encerramento, a locução teve o diferencial de ser feita de forma intercalada pelos dois audiodescritores; enquanto Patrícia descrevia os movimentos do dançarino Roges Moraes, Christopher descrevia os movimentos da dançarina Mari Lotti.

A audiodescrição ocorreu na modalidade ao vivo com som aberto, de maneira que não só os convidados com deficiência visual pudessem ter contato com a experiência da dança, mas também que os convidados enxergantes pudessem ter a experiência de se colocar no lugar de quem faz uso deste recurso. Assim, levamos a todos os presentes o desafio lançado pela apresentação “HÁBRAÇOS”: refletirmos sobre o “quanto de mim existe no outro e o quanto do outro eu carrego em mim”.



Desenvolvimento:



Universidade de Brasília



Parceria:



UnB | LabAudio

Laboratório de Áudio
da Faculdade de Comunicação

Colaboração:



Apoio:



Embaixada dos Estados Unidos
no Brasil

entreatespt.wordpress.com